

TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO, ESCOLA E ENSINO: PERCEPÇÕES DE PROFESSORES DE EDUCAÇÃO BÁSICA

Derli Juliano Neuenfeldt¹
Jacqueline Silva da Silva²
Mariângela Costa Schneider³
Mateus Lorenzon⁴
Rogério José Schuck⁵
Tania Micheline Miorando⁶

PALAVRAS-CHAVE: Ensino; TICs; Educação Básica; Escola.

INTRODUÇÃO

As Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) tornaram-se onipresentes em nosso cotidiano. Vive-se o tempo da Cibercultura, que Levy (2000) define como o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço. Para Lemos (2010) o surgimento das tecnologias remonta o surgimento do homem, não sendo externa a ele, exigindo dele novas habilidades e competências, mas, também, permitindo novas possibilidades de construção de sua existência

É imprescindível reconhecer que nos deparamos contemporaneamente com novas subjetividades digitais (SIBILIA, 2012) e infâncias *cyber* (DORNELLES, 2005) que nos desafiam e, sobretudo, desafiam as instituições educacionais ainda organizadas em uma perspectiva para acolher e trabalhar com uma subjetividade de um *homo privatus*, ou seja, um homem formado em uma perspectiva disciplinar e de relação objetiva com o conhecimento e o saber (SIBILIA, 2012).

As escolas estão recebendo um novo aluno, um *cyber* estudante. Portanto, esse estudo teve como objetivo analisar como três professores da Educação Básica de escolas do Vale do Taquari e Rio Pardo/RS/BRA percebem a presença das TICs no contexto escolar.

METODOLOGIA

Esta pesquisa é de abordagem qualitativa. Para Biklen e Bogdan (1994, p. 16) as investigações qualitativas não têm intuito de emitir um julgamento sobre as situações, mas sim permitir “a compreensão dos comportamentos a partir da perspectiva dos sujeitos da investigação”.

Os dados foram gerados por meio de entrevista semiestruturadas realizadas com três professores de Educação Básica que atuam em escolas das redes pública ou privada das regiões do Vale do Taquari e Rio Pardo/RS/BRA. Utilizou-se como critério de seleção dos participantes, a condição de eles serem mestrandos do Programa de Pós-Graduação em Ensino do Centro Universitário UNIVATES e ter disponibilidade para participar da pesquisa. Todos os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Após a composição do *corpus* de pesquisa, este foi analisado por meio da análise textual discursiva (MORAES; GALIAZZI, 2011). Os dados coletados foram dispostos em duas categorias: na primeira tratou-se dos aspectos positivos e na segunda das dificuldades, ambas abordando a percepção dos professores em relação às TICs e sua presença no contexto escolar.



ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Em relação aos aspectos positivos, os docentes vêm como necessário empregar recursos tecnológicos em suas aulas, sendo uma estratégia para se aproximarem da realidade dos estudantes. O trabalho pedagógico desenvolvido volta-se, então, para promover situações de aprendizagem que permitam aos estudantes utilizarem os recursos tecnológicos como materiais de apoio didático. O Professor 1, enfatiza que “os alunos ficam sempre naquele uso do *facebook* e do *whatsapp*, desses aplicativos”. Afirma, ainda, que “eles não sabem trabalhar com editor de texto, eles não sabem trabalhar com edição de filmes e de música”. O trabalho pedagógico desenvolvido por esse docente busca ampliar as possibilidades de uso dos recursos, não apenas como dispositivos de comunicação, mas sim como recursos que permitem a otimização da aprendizagem. Nessa perspectiva, as TICs convertem-se em instrumentos de apoio para as ações didático-pedagógica dos professores.

Quanto às dificuldades, os professores relatam as de se trabalhar com os alunos *cyber*, ou seja, estudantes nascidos e subjetivados em um contexto de cibercultura (LÉVY, 2000). Essa dificuldade não é só do professor, mas também da escola. Essa, por sua vez, encontra na proibição ou restrição do uso das TICs uma forma, paliativa, de resolver o problema. O Professor 2 destaca que “nos colégios em que atuo é proibido o uso de celular, tanto no município, como no estadual”. Outro professor também menciona restrições em relação ao uso do *tablet* pelos seus alunos: “eles vinham com os *tablets* todos os dias, no recreio ficavam caminhando e acessando. As crianças caíam, os *tablets* caíam. Então se determinou que os alunos só os levassem para escola quando o professor solicitasse” (Professor 3).

Portanto, percebe-se que há dificuldade das escolas lidarem com os alunos que já nascem envoltos pelas TICs. Serres (2013) diz que é necessário discutir o porquê da proibição, uma vez que os dispositivos tecnológicos são um prolongamento onipresente do corpo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No contexto contemporâneo, é necessário reconhecer que a onipresença de tecnologias da informação e comunicação na vida cotidiana provoca modificações antropológicas, mudanças de hábitos e modificações no *socius* no qual o sujeito está inserido.

A escola, responsável pela educação dos estudantes, não pode compreendê-los como algo distinto das tecnologias e dos recursos tecnológicos por eles empregados, ou seja, é necessário compreender a existência de um *cyber* estudante, que não apenas está instrumentalizado com novos recursos técnicos, mas que tem uma nova relação com o conhecimento e com a informação. Contudo, também foi percebido pelos professores a necessidade de mostrar aos alunos outras formas de uso das TICs, explorando-as como recursos didático-pedagógicos. Já em relação às dificuldades a partir da presença das TICs no cotidiano escolar, os professores relatam que lidar com os *cyber* estudantes é um desafio, porém, muitas vezes, a proibição do uso das TICs é decisão da escola.

Conclui-se que se deve evitar uma postura de culpabilização ao estudante frente ao interesse pelas TICs. Ao invés disso propõe-se que se adote uma perspectiva de analisar criticamente a estruturação da escola e das práticas pedagógicas que nela ocorrem, buscando possibilidades de estabelecimento de um diálogo cultural entre o *cyber* estudante, o professor que, muitas vezes, é o *homo privatus* e a escola que não reconhece esse novo aluno.



REFERÊNCIAS

- BOGDAN, Roberto C.; BIKLEN, Sari Knopp. **A investigação qualitativa em educação**. Porto/Portugal: Porto Editora, 1994.
- DORNELLES, Leni Vieira. **Infâncias que nos escapam: da criança na rua à criança cyber**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.
- LEMOS, André. **Cibercultura e vida social na cultura contemporânea**. 5. ed. Porto Alegre: Sulina, 2010.
- LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo, SP: Editora 34, 2000.
- MORAES, Roque; GALIAZZI, Maria do Carmo. **Análise Textual Discursiva**. 2. ed. Ijuí: Ed. Unijuí, 2011.
- SERRES, Michel. **Polegarzinha**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.
- SIBILIA, Paula. **Redes ou paredes: a escola em tempos de dispersão**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

¹ Mestre e Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Ambiente e Desenvolvimento do Centro Universitário UNIVATES. Professor do curso de Educação Física do Centro Universitário UNIVATES. derlijul@univates.br

² Doutora em Educação – UFRGS. Professora do Programa de Pós-Graduação Mestrado em Ensino do Centro Universitário UNIVATES. jacqueh@univates.br

³ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ensino do Centro Universitário UNIVATES. Bolsista PROSUP/CAPES. mariangelacscheneider@hotmail.com

⁴ Graduando do Curso de Pedagogia – Centro Universitário UNIVATES. Bolsista de Iniciação Científica. mateusmlorenzon@gmail.com

⁵ Doutor em Filosofia – PUCRS. Professor do Programa de Pós-Graduação Mestrado em Ensino do Centro Universitário UNIVATES. rogerios@univates.br

⁶ Mestre e Doutoranda em Educação – UFSM. Professora do Centro Universitário UNIVATES. tmiorando@univates.br